

Techezaknu Sionismo-Socialista

O que queremos do nosso sionismo?

Refletindo sobre a tnuá atualmente, podemos perceber a constante onda crescente de ações e inovações em campos que anteriormente não eram tão priorizados no dror, como por exemplo o aumento do estudo acerca do judaísmo e principalmente a interpretação cultural-humanista. Porém, o foco em tópicos pouco explorados no passado tem preocupado alguns chaverim da tnuá pelo afastamento de discussões e principalmente ações para o maior dos pilares ideológicos que sustentam a tnuá: O Sionismo-Socialista.

O grande fator é que a discussão sobre sionismo não tem tanta urgência como tinha a 40 ou 50 anos atrás, hoje com um estado israelense consolidado e cada vez com uma menor busca por aliot para o estabelecimento e demarcação territorial, vivemos a crise de não saber como usamos ou para que serve nosso sionismo. Nos definimos como sionistas-socialistas mas se formos olhar nossa definição no estatuto podemos ler a seguinte definição:

“ Acreditamos que sionismo-socialista não seja uma simples combinação de palavras, mas sim uma ideologia única, nascida da convergência do sionismo e do socialismo e se constituindo como uma corrente dentro do espectro político sionista. Adotamos o sionismo-socialista por acreditar que seja a maneira política de pôr em prática nossos valores judaicos. O princípio de autodeterminação dos povos confere a todo povo o direito de se autogovernar, tomar suas escolhas sem intervenção externa e determinar seu status político. Acreditamos que, como judeus/judias, enquadramo-nos na definição de povo e temos direito à autodeterminação em um território com o qual tenhamos identificação histórica e espiritual. Somos partidários do sionismo, pois acreditamos que esse direito somente poderá ser plenamente exercido através de um estado, o Estado de Israel. Almejamos uma sociedade mais igualitária do ponto de vista sócio-econômico em que a propriedade dos meios de produção seja dos mesmos que compõem a força de trabalho. Uma sociedade em que prevaleça a cooperação entre os seus membros e em que o Estado seja responsável por suprir as necessidades básicas da população (alimentação, saúde, educação, moradia, trabalho etc.).

Baseamo-nos em Paul Singer ao julgar que este modelo deva ser viabilizado a partir de iniciativas populares, que o socialismo deva vir por opção e democraticamente, e não através de imposição estatal. O novo socialismo pode ser posto em prática a partir de iniciativas que rompam a dinâmica atual (através de comunot e irbutzim, por exemplo), que se fundam em práticas econômico-solidárias e no desenvolvimento de uma educação mais humanista. Iniciativas essas que cresçam dentro das próprias contradições do capitalismo. Vemos na Aliá Chalutziana, que é o estabelecimento em Israel e a transformação da sociedade israelense em um país mais completo, justo e coerente com nossos valores, como sendo a expressão máxima da nossa ideologia sionista-socialista”.

O que nos deixa com um questionamento que não deveríamos ter após ler um documento que deveria definir nossa plataforma ideológica: O que é sionismo-socialista? Podemos ler que consideramos a junção das duas ideologias, mas não paramos para explicar uma definição concreta ou o uso que damos a essa corrente sionista, o que gera a grande complicação de nos definirmos seguidores de um sionismo que nós mesmos, chaverim da tnuá, não sabemos como explicá-lo propriamente.

A verdade é que todo o conceito do sionismo-socialista é complexo de se definir e talvez o fator que mais influencie nessa complexidade seja porque um de seus principais teóricos não era sionista: Dov Ber Borochoy. Todos conhecem Borochoy por sua famosa

Techezaknu Sionismo-Socialista

teoria da inversão da pirâmide social, mas poucos sabem em que esse método seria aplicado. Borochov era um teórico do socialismo, acreditando que o mundo deveria chegar a um estado sem fronteiras e conflitos sociais. Apesar de acreditar que o mundo deveria se consolidar no comunismo, ele era crítico a Marx quando o tópico era o caminho para esse mundo sem fronteiras. Marx acreditava que através da luta de classes, o proletariado deveria tomar o poder e estabelecer o comunismo, enquanto Borochov acredita que através da auto-determinação dos povos, com uma inversão do status social e quando cada povo pudesse ter seu próprio espaço e não sofressem mais nenhum tipo de perseguição, então o comunismo poderia ser estabelecido.

O sionismo proposto por Borochov parte como um exemplo de sua visão de socialismo, usado a auto-determinação do povo judeu e do estabelecimento do seu estado como comprovação de sua tese. Apesar de teorizar em cima da criação de um estado judeu, Borochov se difere dos demais pensadores sionistas por não pensar no estado de Israel como um fim e sim como um meio para outra problemática, fazendo com que muitos não o considerem como sionista por seu estado ter principalmente um prazo de validade (Israel deixaria de existir com o estabelecimento de um mundo livre de fronteiras).

Acredito que se é de interesse da tnuá se manter definindo-se como sionista-socialista, devemos buscar uma maior inspiração em Gordon do que em Borochov. O foco dado no trabalho pela ideologia gordoniana simplifica e ramifica um leque ideológico que vai além do simples princípio do direito de um estado para o povo judeu mas também nos traz nossos princípios em chutzianismo, kibutzianismo, justiça social e tantos outros que nos fazem a tnuá que somos. Caso optemos por nos definir partindo desse ponto de vista, sem ignorar fontes de conhecimento advindas tanto de Borochov quanto de Gordon mas sabendo em que queremos nos inspirar de cada um, teremos nos próximos anos uma tnuá muito mais coesa ideologicamente.

Concluindo, vejo que para que de fato possamos ter um estatuto que faça sentido e que represente a tnuá, precisamos que seus chaverim saiam da inércia e procurem significar suas ideologias de uma forma que não apenas fique bonito num papel mas que faça sentido com a realidade tnuatí ou vamos continuar insatisfeitos e mudando constantemente os mesmos trechos do nosso estatuto de dois em dois anos, nos mantendo numa eterna hipocrisia com nossos próprios princípios e nossos chaverim.

Pedro Gomes – Snif Bahia – Shnat 2014

O papel do Habonim Dror na aliá dos chaverim

O número total de aliot nos últimos anos tem aumentado significativamente. Com cerca de 19 mil olim chadashim em 2013, Israel recebeu, em 2015, mais de 30 mil. Os países cuja aliá mais aumentou, nesse tempo, foram França, Ucrânia e Rússia. Na França as principais razões são o crescente antissemitismo, além de aumento dos impostos. Na Ucrânia, a guerra com a Rússia teve bastante influência sobre o alto número de aliot. Na Rússia as principais razões são, assim como na França, o antissemitismo e também a crise econômica. A intensa crise econômica na Argentina no início dos anos 2000 também foi fator

Techezaknu Sionismo-Socialista

significativo para as cerca de 10 mil aliot de argentinos entre 2000 e 2002. No Brasil, apesar de números bem menores, a imigração para Israel cresceu significativamente. Desde 2012, com 191 aliot, essa quantidade subiu 300% até 2016, quando 760 brasileiros foram morar em Israel (e é esperado que este número quase dobre em 2017!), o que fez com que não só a Knesset decidisse debater o assunto, como também aumentou significativamente a verba destinada a absorção de brasileiros. A principal razão, mais uma vez, parece ser a crise econômica.

Existe algum fator identitário nesse contexto. Todos os olim poderiam ter escolhido qualquer lugar, mas foram para Israel. Como escreveu o Gusmão (Shnat 2009 – Snif Rio) em uma carta sobre os motivos da sua Aliá, “a diferença entre começar uma nova vida em Israel ou em qualquer outro lugar é o fator ideológico”. Por outro lado, fica muito claro que a principal razão para essa onda de aliot não é a identificação judaico-sionista, mas sim a possibilidade de uma vida melhor, com maior estabilidade financeira, menos discriminação ou mais segurança. Nathan Sharansky, presidente da Agência Judaica, sobre a tendência de aumento de aliot no longo prazo, diz que “isso é evidência do fato de que Israel continua a atrair judeus de todo o mundo que buscam viver vidas com significado e identidade.” Faz sentido que a Agência Judaica queira reforçar a questão da identidade, e ela existe, mesmo que não seja a principal motivação. Mesmo assim, as políticas de incentivo a aliá e absorção são focadas mais nas melhoras de condições de vida, como investimento nos cursos de hebraico para imigrantes (Ulpan), incentivos fiscais, oportunidades de trabalho, entre outros, não só em reforçar a identidade, como campanhas de hasbará e seminários da Agência Judaica na diáspora.

Trazendo este contexto para a Tnuá, como é a nossa abordagem para incentivar os chaverim a fazer Aliá? Antes de seguir, deixo claro que não pretendo entrar na eterna discussão sobre até que ponto a Hagshamá do Habonim Dror deve ser a Aliá. Minha opinião é que sim, e parto do princípio de que, como Tnuá sionista-socialista, é essencial que incentivemos nossos chaverim a ir para Israel e que, bem resumidamente, quanto mais aliot, melhor. Respondendo a pergunta acima, o caminho que a Tnuá oferece em direção a Aliá se baseia em reforçar a nossa identificação com o Sionismo e com o ímpeto de transformar a sociedade. Temos tochniot sobre a ideologia kibbutziana e sua importância, sobre educação para a paz, sobre a sociedade israelense, e sempre buscamos motivar o interesse para esses temas através da nossa identificação inerente com Israel, como sionistas que somos, ou deveríamos ser.

Nós, como Tnuá, fazemos escolhas, e adotar a abordagem da identificação pessoal e coletiva com valores sionistas-socialistas é uma escolha. Outras abordagens seriam possíveis. Poderíamos dar mais foco a falar de Israel como um país normal que nos proporcionaria uma vida real e possivelmente boa, com mais oportunidades de estudo, trabalho e segurança. Aqui não se fala sobre Sionismo ou Judaísmo, que já estão implícitos quando escolhemos falar sobre Israel como possibilidade futura, mesmo que o foco não seja mais a identificação. Poderíamos discutir sobre quais as consequências práticas de ir morar em outro país, sem partir do princípio de que a maioria dos chaverim não fará aliá e essa não é uma discussão relevante para todos. Este tipo de conversa ocorre apenas em momentos específicos e isolados, como conversas com olim que vem ao brasil, e normalmente em momentos informais, como bogrim prestes a fazer aliá que tiram dúvidas com o sheliach. Podemos adotar infinitas medidas para mudar a nossa abordagem em relação a Sionismo e aliá. Não estou dizendo que necessariamente uma outra abordagem que não a da identificação ideológica seria melhor, mas sim que devemos ter em mente que isso é uma escolha e ao menos conceber e refletir sobre as outras escolhas possíveis.

Techezaknu Sionismo-Socialista

Eu, pessoalmente, não acho que outra abordagem seria melhor. Acho que o Dror faz bem em escolher promover a identificação judaico-sionista como ferramenta para incentivar a aliá. A escolha é boa, mas a prática poderia ser melhor. Afinal, pouca gente faz aliá e, independente disso, poderíamos ser ainda mais identificados do que somos hoje com o sionismo-socialista, com a prática judaica humanista e com os ideais kibbutzianos, como a Tnuá propõe. E não acho contraditório que nossa opção seja fortalecer a identificação com o Sionismo, enquanto se vê que a tendência no mundo judaico não é essa, e que este não é mais o grande motivo para a aliá nos dias de hoje. Na verdade, acredito que essa opção faça sentido porque, se considerarmos apenas as aliot de jovens de Tnuá no mundo ou, mais especificamente, as aliot de chaverim do Dror, talvez a composição de razões que levaram a essa aliá sejam diferentes da média total. Não tenho números ou dados para comprovar, apenas acredito que isso ocorra. Jovens tendem a ter a vida menos definida, em termos socioeconômicos, do que a população de olim em geral, às vezes vão para Israel sem ter concluído a faculdade, os estudos ou sem experiência de trabalho, e talvez sofram menos os impactos de crises econômicas. Jovens, ainda mais de Tnuá, tendem a ser mais idealistas. Para transformar estes talvez em certezas, um bom exercício é conversar com olim do Dror sobre suas motivações para a aliá.

Por fim, falo sobre o que acontece quando acaba a Tnuá. Primeiro, há um momento em que acaba. Ouvi recentemente de um Sheliach do Dror nos EUA que “não faz sentido uma Tnuat Noar sem uma Tnuat Bogrim, e vice-versa”. Acho isso um pouco radical (nós do HD Brasil fazemos sentido mesmo sem um movimento de adultos estruturado), mas entendo a lógica. Para a grande maioria de nós, chega um momento em que cortamos vínculos formais com a Tnuá e, mesmo que esta continue presente na forma que pensamos e que agimos, não é um absurdo dizer que “a Tnuá acaba”. Qualquer chaver que vai para o Shnat dirá que fez Shnat pelo Dror. Normal. Não sei se qualquer olê ou olá do Dror dirá que “fez aliá pelo Dror”, isso soa muito mais estranho. É uma decisão pessoal e individual, sem participação da Tnuá, além da influencia subjetiva porque, na hora de comprar a passagem, o Dror já não é mais parte do dia-a-dia. A existência de uma Tnuat Bogrim permitiria um prolongamento do vínculo com a Tnuá, de outras formas que hoje não existem no Dror Brasil. Há pouco apoio e presença (crescente nos últimos tempos, mas pouco) do Dror em Israel para os olim chadashim do Brasil, não há (ainda) um processo, ou mesmo um incentivo formal, para a formação de garinim. Também há muitas possibilidades sobre como por isto em prática, mas acho importante que pensemos sobre. Espero que estejamos caminhando para uma Tnuá cada vez mais sionista e ideológica e, se não estivermos, que tenhamos noção disso para que possamos mudar.

Felipe K.G. – Snif Rio – Shnat 2015

Nossa necessidade de um Sionismo reinventado

"ASSIM, NÓS, os membros do Conselho Nacional, representando o povo judeu na Palestina e o movimento sionista do mundo, reunidos hoje em assembléia solene, no dia do término do Mandato britânico na Palestina, em virtude do direito natural e histórico do povo judeu e da Resolução da

Techezaknu Sionismo-Socialista

Assembléia Geral das Nações Unidas, AQUI PROCLAMAMOS, o estabelecimento do Estado Judeu na Palestina, a ser chamado ISRAEL."

Essas palavras do David Ben Gurion no dia 5 de Iyar 5708, 14 de maio 1948, ainda deixam muitas pessoas, em todos cantos do mundo, incluído a mim mesmo, arrepiados. A declaração de independência de Israel, além de ser um documento excepcionalmente escrito, cheio de ideologia, de fé e de emoção, concluiu um processo de mais de 50 anos, desde o primeiro congresso Sionista em Basilea. Esse processo de criação de um movimento nacional para o povo judeu, chegou a sua maior realização - um estado soberano na terra de nossos ancestrais - a terra de Zion e de Jerusalém.

Porém, essa conquista importante também colocou ao Sionismo um dilema complicado. Agora que o objetivo foi atingido, como segue o movimento Sionista? Será que com o estabelecimento do Estado de Israel acabou ou Sionismo? Ou pelo menos a função histórica deste movimento?

Desde aquele então, há quase 70 anos, estamos debatendo e discutindo essa pergunta. Para muitos, a própria existência do Estado de Israel, uma milagre por sim mesmo, já satisfaz e é mais do que o povo judeu ousou de sonhar. Para outros, é o mero começo.

Essa divisão é um dos sintomas, ou talvez o maior ponto de divisão no mundo judaico hoje em dia, tanto em Israel como na diáspora. Até o estabelecimento do Estado de Israel a resposta foi fácil - queremos um estado que seja nosso. Agora, ao tiver ele, temos que decidir como será o caráter deste estado. Essa já é uma tarefa diferente, muito mais complicada, que nos levou a essa crise atual do Sionismo.

Desde o primeiro congresso Sionista em 1897 estamos vivendo uma segmentação partidária dentro do movimento Sionista, com correntes Sionistas se diferenciando em relação a questões de como conseguir o estado judeu, qual seria seu caráter judeu, e para quem é destinado.

Algumas correntes respondem essa última pergunta com a idéia de Geulat HaAdama - redenção da terra. Quer dizer, o objetivo do Sionismo é assegurar uma soberania judaica em nossa terra prometida - Eretz Israel. Para outros, entre eles o próprio Herzl, o objetivo Sionista é de Geulat HaAdam - redenção do homem. Ou seja, o Sionismo veio para dar para cada judeu (e não judeu que more no país também) a possibilidade de viver uma vida livre, realizadora, com todos os direitos humanos e civis e sem nenhuma discriminação causada pelo judaísmo ou por qualquer outra característica social.

Geulat HaAdam ou Geulat HaAdama - conflito que nos acompanha até hoje

Essa diferença na definição do Sionismo não impediu a ação conjunta para obter o Estado de Israel, mas no momento da realização do sonho, quando temos que de fato dirigir um estado, essa pergunta faz o consenso impossível. O Estado de Israel é definido como Judaico e Sionista. As vezes parece que precisa uma capacidade de malabarismo para manter esse equilíbrio, que causa tensões em vários âmbitos - religião e estado, segurança e paz, questões sociais e econômicas e mais.

As diferentes atitudes se expressam na política e na sociedade israelense, mas não apenas lá. Também nas comunidades judaicas, inclusive a Brasileira, essa tensão existe. A falta de uma definição clara e única do Sionismo hoje em dia leva a nossas comunidades a um extremismo ideológico, negando o Sionismo do outro grupo e rejeitando a parceria judaica eterna.

Techezaknu Sionismo-Socialista

Dentro de Habonim Dror também estamos lidando com esse desafio, porém tampouco temos uma definição clara do Sionismo dentro da Tnua. Isso nos dificulta levantar uma voz forte e importante e nos posicionar livremente em prol do nosso Sionismo.

No nível educativo, muitas vezes não conseguimos fugir de nossa própria confusão com relação ao Sionismo. Isso nos leva a, no mesmo jeito que é o resultado de, ter Tochniot Chinuchiot que as vezes são anacronicas e não adequadas à realidade israelense e judaica atual. Será que estamos educando nossos Chaverim em base de uma visão romântica, que há um tempo já não é verdadeira nem válida nos dias de hoje?

A sociedade israelense hoje é um mosaico inteiro de grupos sociais, formas de vida, opiniões e ideologias. Como garantimos que nosso processo educativo reflita isso?

Dentro de toda essa variedade e diversidade surge a pergunta imediata - "que será esse elemento que ainda junta o movimento Sionista embaixo da mesma bandeira? Qual é essa cola que nos permite se identificar com o Sionismo, apesar das diferentes visões dele?".

Para mim, a resposta é nossa certeza que, no final de tudo e apesar de tudo, somos parte de um "Goral Meshutaf" - um destino comum. As diferenças e discordancias são menores comparados ao fato que somos todos um único povo, com apenas um futuro compartilhado.

Nosso desafio hoje em Habonim Dror, ao meu ver, é decidir e definir aonde nos vemos dentro deste "Goral Meshutaf", e qual é a nossa função para chegar nele.

Precisamos de redefinir o nosso Sionismo, e a nossa visão do futuro do Estado de Israel e do povo judeu. Acredito que ao tiver essas respostas, seria muito mais fácil responder a pergunta "que é o Sionismo hoje".

Os vários níveis do Sionismo

Pensando em todos os questionamentos acima colocados, temos mais um ponto para pensar. Esse ponto seria, novamente, o sujeito do Sionismo hoje. Nosso Sionismo é apenas Tnuati? Talvez pessoal? E porque não para o povo judeu inteiro? E se for o caso, não será uma visão universal?

Cada um desses níveis leva uma definição diferente (nem mais nem menos correta ou equivocada) do Sionismo, e chama a outro tipo de ação. Precisamos ser muito claros quando definimos o que fazemos, para quem e qual é o nosso objetivo Sionista que engatilha essa específica ação.

No nível pessoal - Sionismo é apenas fazer Alia ou poder contribuir, de várias formas, vivendo na diáspora também?

No nível Tnuati - ação comunitária tem que ser voltada unicamente a Israel, ou pode também ajudar a construção de uma comunidade brasileira forte? Essas duas metas são contraditorias ou complementarias?

Para o povo judeu - como promovemos um futuro melhor, para cada judeu e para o povo como povo? Será que isso não é uma questão universal mesmo? Será que nosso compromisso a um mundo melhor não separa entre Sionistas e não Sionistas?

Desafio futuro do Habonim Dror

Techezaknu Sionismo-Socialista

O que nós, aqui, agora, Chaverim do Habonim Dror Brasil em 2017, podemos fazer para ajudar o projeto Sionista chegar a seu próximo nível?

Eu acredito que, como foi feito nos últimos anos com a questão do Judaísmo Cultural Humanista, Habonim Dror pode, e deve, se tornar em uma referência na área de Sionismo progressista de esquerda.

Acredito que temos o conhecimento, a disposição e a autoridade educativa de nos posicionar na liderança desta parcela da comunidade judaica brasileira que acredita no caminho do Sionismo moderno, que inclui direitos humanos e civis como parte integral da visão Sionista, que usa o judaísmo como uma fonte de inspiração (mas não como um sistema jurídico) e que aspira a criação de uma Chevrat Mofet - sociedade exemplar - como definiu Herzl, para o bem do povo judeu e no mundo.

Esse processo de posicionamento não é fácil nem curto. Envolve um duro trabalho - tanto interno em nossos Snifim com nossas Tochniot e nosso foco educativo, como externo com eventos e reflexão comunitária. Acho que um trabalho similar ao que foi feito no campo de judaísmo seria de muita eficiência também com o Sionismo - a criação de um calendário Sionista Tnuati, parecido a o que foi feito com as Shabbatot e os Chaguim. 2018 nos dá muitas oportunidades ao respeito - os 70 anos do Estado de Israel, os 45 anos da guerra de Yom Kipur, os 25 anos dos acordos de Oslo e muitos mais. Usemos nossas ferramentas para nos capacitar e entrar em ação - a Veida em janeiro, nosso Shnat Hachshara, Tochnit Hagshem, nossas parcerias comunitárias no Brasil e em Israel, e mais.

Acredito que este é o nosso maior desafio como Tnua para 2018 e o próximo futuro. Tenho certeza que Habonim Dror Brasil conseguirá exceder as expectativas.

Alu VeHagshimu,

Nadav